

Os Últimos a Perceber

24. III. 52

Pode parecer estranho que o protesto contra a elevação do preço do açúcar, determinada pelo respectivo Instituto, tenha partido, não do consumidor, mas do produtor paulista. Pois, se já tinha lucro com o preço antigo, não haveria êste de lucrar ainda mais com o novo preço imposto pela autarquia? O fundamento do sistema capitalista — sabem-no todos — é o lucro; não se compreende recuse lucro maior, quem só pelo lucro se move e só do lucro vive.

Esta aparente contradição poderia, talvez, justificar a desconfiança, que no ânimo conturbado do nordestino encontraria fácil guarida, de ser a destruição da industria açucareira do norte o objetivo visado pelo produtor sulino, para ficar, depois, senhor absoluto do mercado. Seria um verdadeiro *dumping* de S. Paulo, contra o Nordeste.

Se o fôsse, poderia talvez convir aos interesses restritos dos industriais e lavradores de cana, mas atentaria contra os interesses mais fortes da indústria paulista, em geral, a qual somente no poder aquisitivo do mercado interno encontra condições de prosperidade e desenvolvimento. Destruída que fôsse a industria canavieira do nordeste, nefasta seria a repercussão do facto na economia paulista, pela eliminação de um grande mercado consumidor.

Não se trata, porém, felizmente, de um tão monstruoso egoísmo, como o que implicaria semelhante *dumping*. A reação do produtor paulista tem explicação muito mais honesta e patriótica. Trata-se, ainda, de defesa de interesse, mas de altos interesses.

Recorramos, mais uma vez, ao notável discurso que, a proposito da questão, pronunciou na Câmara o ilustre deputado paulista, sr. Herbert Levy. "Os lucros da industria e da lavoura canavieira no meu Estado — diz ele — serão tão enormes, tão fabulosos, que, cedo ou tarde, a industria e a lavoura do Nordeste não poderão resistir. As terras do meu Estado estão sendo assediadas, cada vez mais, pelos plantadores e usineiros de cana, que delas afastam plantadores de algodão e de café. Muito antes dessa alta de preços, os usineiros e os plantadores de cana de açúcar em meu Estado já tiravam braços das industrias e lavouras vizinhas, porque tinham margem de lucro maior. Como se vai elevar ainda mais essa margem?"

Aí está claramente exposta a causa da paradoxal reação do produtor paulista à elevação do preço da sua mercadoria. O lucro excessivo, artificialmente determinado pelo Instituto, acarretaria fatalmente uma super-produção ruínosa para os atuais produtores, além de uma tremenda perturbação econômica no Estado. Culturas importantes, como as de algodão e café, seriam sacrificadas pelo anormal desenvolvimento da cultura canavieira, que, mais cedo ou mais tarde entraria também em crise.

Tão nefastas consequências da artificiosa valorização do açúcar, intentada e até agora mantida pelo respectivo Instituto, é o que pretende obviar o produtor paulista. Se o fundamento da economia capitalista é o lucro, convém que o lucro seja encarado com superioridade e longo alcance. Isto compreendeu o paulista, amestrado por uma longa experiência de valorizações ruínosas. Isto tinham obrigação de compreender, melhor que ninguém, os homens a quem o nosso dirigismo econômico, contraditório com a constituição vigente, e apesar disto vivaz como escalafão, entregou a sorte da produção nacional. Esses, porém, iludidos pelo poder que o Estado lhes põe nas mãos, serão os últimos a perceber as variadas e complexas repercussões dos fenômenos econômicos.

Valha-nos, porém, a inteligência no caso demonstrada pe-

lo produtor paulista. E agradeçamos-lhe o ter demonstrado que o interesse do produtor se pode harmonizar com o do consumidor, quando se encara com a necessária amplitude e superioridade.